

Teleconferência de Resultado – 2T18
10 de agosto de 2018

Operadora - Bom dia a todos e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 2T2018. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas quando mais instruções serão dadas. Caso, algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram por favor solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet via webcast podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri onde se encontra disponível a respectiva apresentação. O replay estará disponível pelo telefone (11) 2188 0400 até o dia 17 de agosto de 2018, em português e inglês. Para ter acesso ao replay você deve solicitar a operadora a para ouvir a teleconferência do BB e sua identificação será solicitada. A seleção dos slides durante a apresentação será controlada pelos senhores. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Conosco hoje estão os senhores Bernardo Rothe, vice-presidente de gestão financeira e de relações com investidores; e Daniel Maria, gerente geral de relações com investidores do Banco do Brasil. Por favor, senhor Daniel, queira prosseguir.

DANIEL MARIA - Bom dia a todos, bem-vindos à teleconferência de resultados do 2T2018. Gostaria de começar na página 4 com alguns destaques do resultado.

O lucro líquido ajustado foi de R\$ 3,2 bilhões no 2T2018, implicando num crescimento de 7,1% em relação ao 1T2018 e 22,3% quando comparado ao 2T2017. No 1S2018 o lucro líquido ajustado foi de R\$ 6,3 bilhões, o que significa um crescimento de 21,4% em relação ao 1S2017. Rendas de tarifas cresceram 5,5% em relação ao 1S2017, chegando ao 1S2018 a R\$ 13,3 bilhões. Margem financeira bruta apresentou um crescimento de 5,3% no 2T2018 quando comparado ao trimestre anterior. No 1S2018 chegou a R\$ 24,6 bilhões, o que significa uma redução de 8,1% em relação ao mesmo período de 2017. Despesas administrativas cresceram 1,2% chegando a R\$ 15,8 bilhões, crescendo abaixo da inflação e representando sólido controle de despesas do Banco do Brasil. A qualidade do crédito vem apresentando melhoria contínua. Despesas de PCLD chegaram no último semestre a R\$ 7,8 bilhões de reais, uma redução de 29,0% em relação ao 1S2017. A inadimplência acima de 90 dias chegou a 3,34%, o quarto trimestre de queda consecutiva. Dado o bom desempenho da qualidade do crédito, o Banco do Brasil revisou seu *guidance* do PCLD de R\$ 19-16,0 bilhões para R\$ 16-14,0 bilhões.

Na página 5 trazemos alguns indicadores de mercado. O lucro líquido ajustado por ação foi de R\$ 1,16 centavos no 2T2018 o que significa um *dividend yield* de 3,65%. A relação preço/lucro chegou a 6,74, e a relação preço/valor patrimonial, 0,78.

Na página seguinte, trazemos a evolução do lucro em duas perspectivas: olhando para o 2T2018 e para o 1S2018. É importante lembrar que as rendas de tarifas atingiram 83,3% das despesas administrativas, sendo o maior índice de cobertura desde 2014. A rentabilidade sobre o capital numa ótica utilizada pelos analistas de mercado foi de 13,3%.

Na página seguinte trazemos os principais itens do resultado. A margem financeira bruta cresceu 5,3% no 2T quando comparado ao trimestre anterior. O resultado de tesouraria teve uma contribuição importante para esse desenvolvimento. As receitas financeiras com operações financeiras e com operações de crédito também demonstraram crescimento. Olhando para o 1S2018 a margem apresentou uma redução de -8,1%. É importante lembrar que a queda

das despesas financeiras com captação foi de 34,5%. Rendas de tarifas no período cresceu 5,5%. Elas foram impulsionadas pelo crescimento de contas correntes, com 7,2%, e administração de fundos com 13,2% comparando semestre a semestre. Despesas administrativas cresceram no semestre, comparando o 1S com o 1S2017, 1,2%, o que nos levou a um índice de eficiência de 38,9% e demonstra o sólido controle de custos da instituição. Despesas com provisão de crédito caíram 29,0% comparando o 1S2018 com o 1S2017, demonstrando a melhora na qualidade da carteira e em especial na carteira de pessoa jurídica.

Na página seguinte trazemos a carteira de crédito ampliada, que cresceu 1,5% no trimestre. A inadimplência acima de 90 dias apresentou uma queda de 31,0 b.p., chegando a 3,34%. É importante lembrar que esse número ainda carrega o caso específico que foi solucionado recentemente no final de julho. Trazendo um número, excluindo esse caso, a inadimplência fica em 2,92%. A formação da inadimplência está abaixo da média dos últimos trimestres chegando a 0,55. A cobertura subiu atingindo 166,18. No custo do crédito, vem apresentando quedas consecutiva nos últimos semestres atingindo 3,57 no 2T2018.

Na página seguinte apresentamos a carteira de pessoa física, que cresceu 2,2% no semestre. É interessante comentar os efeitos que já são notados dos esforços de diversificação da carteira, tendo crescido a linha de cartão de crédito, CDC salário e empréstimos pessoais. A inadimplência acima de 90 dias apresentou uma queda de 16 b.p. chegando a 3,33%. A formação da inadimplência dessa carteira também se apresentou abaixo da média chegando a 0,80. O índice de cobertura cresceu para 175,75 e as despesas com provisão de crédito para carteira de pessoa física foi de R\$ 1,8 bilhão.

Na página 10 trazemos carteira de pessoa jurídica numa visão ampliada. O estoque da carteira foi praticamente estável no trimestre. A carteira de MPE apresentou uma redução que foi compensada pela carteira de médias e grandes empresas e governo. A inadimplência acima de 90 dias caiu pelo quarto trimestre consecutivo chegando a 5,2%. Excluindo o caso específico, o índice de inadimplência da carteira seria 3,98%. A formação da inadimplência também

apresentou índices menores em relação aos últimos trimestres chegando a 0,54%. O índice de cobertura apresentou crescimento sequencial chegando a 151,46. A despesa de PCLD chegou a R\$ 2,0 bilhões no período apresentando redução e tendo, em relação a semestres anteriores, o menor volume desde o 1S2014.

Na página 11 trazemos a carteira de agronegócios, que cresceu 2,1% no 2T em relação ao 1T. A carteira de crédito rural dentro da carteira de agronegócio cresceu 5,1%. A inadimplência acima de 90 dias da carteira caiu 24 b.p. chegando a 1,61%. A formação da inadimplência está abaixo da média dos últimos trimestres sendo 0,30%. A cobertura aumentou atingindo 184,93%, sendo que as despesas de PCLD foi de R\$ 1,2 bilhão no período. Os recursos disponibilizados para o plano safra no período de 2018/2019 foram de R\$ 103,0 bilhões, o que significa um aumento de 21,0% em relação ao plano de safra do ano anterior.

Na página 12 trazemos o *spread* global. *Spread* global cresceu 14bps no trimestre, chegando a 3,98%. Quando comparado o *spread* global incluindo a recuperação de crédito o crescimento foi de 25,0 bps chegando a 4,48%.

Na página seguinte trazemos o *spread* por carteira. O *spread* da carteira de crédito ficou estável e o *spread* da carteira de pessoa física foi de 16,45%, carteira agro com 4,70%, carteira pessoa jurídica com 4,62%.

Na página 14 trazemos a evolução do capital. O nosso capital principal chegou a 9,61% em junho de 2018. Esse número já contempla os impactos da resolução CMN 4680. Reforçamos a nossa meta de chegar no mínimo a 11,0% de capital principal em janeiro de 2022.

No slide seguinte, slide 15, trazemos a variação do capital comparando junho de 2018 com março de 2018. A marcação a mercado é a principal explicação para redução de capital que significou 47 b.p. Esse número de 9,61 contempla os impactos da resolução CMN 4680 que permite ao banco deixar de deduzir do capital os créditos tributários e prejuízos fiscais decorrentes de hedges no exterior reconhecidos no período de 2018 e 2019.

Na página seguinte trazemos o guidance para 2018 e acompanhando em relação ao resultado apresentado. O lucro líquido ajustado de R\$ 6,3 bilhões, quando anualizado fica dentro da banda do *guidance*. A margem financeira bruta, sem recuperação, foi de -8,1%, abaixo do guidance, entretanto melhor do que o trimestre anterior, e a nossa expectativa é que a margem financeira caminhe em direção ao guidance ao longo do ano. A carteira de crédito ampliada ficou em -1,0%, principalmente por conta da contribuição da carteira pessoa jurídica que caiu 7,0%. A carteira pessoa física e rural cresceram dentro do guidance. A despesa de PCLD líquida de provisão foi de R\$ 7,8 bilhões e reforçamos a alteração de guidance que fizemos de R\$ 19-16,0 bilhões para R\$ 16-14,0 bilhões. Renda de tarifas cresceram dentro do guidance acima da inflação, com 5,5% e as despesas administrativas caíram 1,2% abaixo da inflação. Com isso concluímos a nossa apresentação.

Operadora - Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem *1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de perguntas.

Lembrando que para fazer perguntas basta digitar *1.

Nossa primeira pergunta vem do senhor Thiago Batista, do Itaú BBA.

THIAGO BATISTA - Bom dia a todos. Minha primeira pergunta é em relação ao guidance de vocês. A gente viu que vocês mudaram a parte de provisão devido consideravelmente menos provisões, mas e nas outras linhas do *guidance*? Dá pra dar um indicativo do que vocês imaginam, por exemplo, carteira, imagino que mais na parte de baixo, margem imagino que na parte de baixo, se puder dar um indicativo do que vocês estão imaginando nas principais linhas do *guidance*, se ainda no ponto médio em cada uma delas, ou um pouco mais pra cima, ou um pouco mais pra baixo, das principais linhas, principalmente do lucro líquido final. Se vocês conseguem dar algum tipo de indicativo de onde vocês estão mirando. E a segunda é sobre a parte de tesouraria. A gente viu uma melhora boa na tesouraria nesse trimestre, tri contra tri, quando se compara com a média dos últimos anos nem foi uma melhora tão importante, ela volta um pouco mais pra análise histórica. Se puder falar um

pouquinho de tesouraria e eu queria confirmar se aquele prejuízo que vocês tiveram na recompra dos *bonds*, se eu não estou errado, foram R\$ 125,0 milhões se isso, tá, R\$115 na verdade, vocês estimaram, se isso está nesse trimestre, se isso está na linha tesouraria e se de fato esse número, R\$115 milhões, que vocês estimaram foi um impacto negativo da compra dos *bonds*.

Bernardo Rothe -Bom dia Thiago, obrigado pelas perguntas. Olha, como a gente não alterou nenhum outro guidance a gente acredita que todos os itens que estão fora do guidance tendem a convergir para o *guidance*. O lucro líquido, nossa expectativa tem ficado um pouco acima do meio do guidance, então a tendência nossa é ao longo do ano é ficar acima do meio do *guidance*, não muito acima, mas um pouco acima. A margem, a expectativa é a gente andar para dentro do *guidance*, mas mais para o piso, em torno do piso do guidance. A carteira de crédito, ela vai ficar dentro do guidance à medida que a gente mudar a comparação, principalmente da pessoa jurídica, comparar junho a junho para dezembro a dezembro, dado que o ano passado teve uma queda no segundo semestre ainda bastante interessante na carteira de PJ. Então a comparação dezembro a dezembro vai nos colocar dentro do guidance. Uma visão, comparando junho com dezembro a gente já estaria com menos 1,5%, ou seja, uma estabilidade na carteira PJ já nos colocaria no meio do guidance, agora ao longo do segundo semestre. As despesas de PCLD, a gente mudou porque, a indicação só multiplicando por dois aquilo que a gente já fez já nos coloca perto do meio do guidance. Renda de tarifas, a perspectiva é de continuar com um bom desempenho e a despesa administrativa, até por conta de aumento salarial que deve ter agora no segundo semestre e potenciais outras despesas, a gente deve caminhar para ficar acima do meio do guidance, ok?

Sobre a tesouraria, tem alguns impactos. A gente vinha com um prêmio bastante alto entre a curva de juros e o CDI, então teve um efeito de carregamento bastante bom no trimestre inclusive com alguns ganhos pelo reposicionamento da carteira de tesouraria a gente conseguiu traduzir isso em ganhos positivos, em resultados, um pouco do efeito da volatilidade que teve no trimestre. Então, isso aí, sem dúvida nenhuma a gente carrega uma posição líquida muito alta, a gente sempre fala dos

ativos líquidos do Banco são bastante, tem crescido, até influenciando, impactando negativamente o *spread* global do banco, então esse carregamento, com a queda da Selic, obviamente ele tem um carregamento menor do que é puramente CDI da nossa carteira, por isso que o resultado da tesouraria até vem caindo ao longo do tempo. Mas o segundo trimestre teve uma certa volatilidade no mercado, bastante volatilidade, e a gente conseguiu aproveitar as oportunidades e aumentar o resultado da nossa carteira de títulos. A recompra dos bônus impactou o segundo trimestre e você pode localizar esse impacto na linha demais em outras despesas operacionais.

THIAGO BATISTA – Perfeito! Obrigado, Bernardo e, eu não falei no começo mas muito bom resultado, acho que foi quase impecável.

Bernardo Rothe - Obrigado, Thiago.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do senhor Jörg Friedemann, do Citibank

Jörg Friedemann - Obrigado pela oportunidade, tenho duas perguntas. Primeiro, dado que vocês mencionaram de efeito no *common equity TIER I*, a gente entende que tem aí um efeito importante do *marked to market*, mas mesmo considerando já a nova legislação que entra em vigor, ainda assim vocês têm uma queda de 15,0 b.p. nesse indicador. Então a minha pergunta é se vocês têm alguma atualização sobre aonde vocês devem ficar naquele range de payout de 30-40,0%, vocês tinham passado uma visão um pouco mais confortável pelo topo do guidance nos *calls* passados, só entender se alguma coisa muda, se a gente pode trabalhar com algo mais por 30-35 ao invés de 35-40. E aí, a segunda pergunta é vocês mostraram nesse trimestre o segundo melhor número histórico de recuperação de crédito, e eu queria entender quão sustentável vocês acreditam que vai ser esse número e quanto que isso influenciou para queda do guidance de provisão que é mais nessa linha ou se vocês continuam trabalhando com uma provisão caindo mais consistentemente e é isso que está levando isso para baixo. Só para gente ter uma ideia de aonde a gente pode estar nesse novo número de provisão. Eu já estava perto, e acho que a

maior parte do mercado, no piso do guidance anterior onde a gente tem mais upside aí através disso. Obrigado.

Bernardo Rothe - Obrigado, Jörg, pelas perguntas. Primeiro o *payout*, a nossa visão é que ainda há espaço para a gente trabalhar 40,0% na visão de distribuição de resultados do ano. A gente ainda não fez esse pagamento agora nesse segundo trimestre por conta da volatilidade que houve e potencial volatilidade que pode haver no terceiro trimestre. Então, como você viu, a volatilidade do mercado aqui no Brasil, inclusive em termos de dólar também impactando nossas posições em dólar, de preços e ativos em dólar lá fora, a gente, numa visão mais conservadora estamos acompanhando os movimentos de mercado, como você mesmo mencionou. A gente reposicionou a carteira para diminuir duration e diminuir o impacto, que na nova volatilidade agora durante o período eleitoral, mas é só uma questão de precaução, como a gente tem de 30-40 a gente vai se posicionar ao longo do ano dado os movimentos potenciais de mercado. Então a visão é, no cenário de hoje, a gente tem o payout em 40,0%.

Sobre a recuperação de crédito, a gente tem sempre um movimento cíclico assim na recuperação, que os trimestres pares são mais fortes. Então seria natural que o terceiro trimestre não viesse tão forte como o segundo na recuperação de crédito. Os primeiros sinais é que o movimento continua bastante bom, você pode esperar que o terceiro trimestre será melhor do que o primeiro, não necessariamente melhor que o segundo; e no quarto trimestre como é sempre o padrão tende a ser o mais forte do ano, então a gente deve manter esse padrão ao longo dos próximos anos dado ao estoque de ativos a serem recuperado ainda estar bastante alto, a nossa visão é que esse processo de melhoria vai continuar ao longo de 19 também. Agora a provisão bruta, antes de recuperação vem caindo também consistentemente. Então a expectativa nossa é que também haverá uma melhoria na provisão bruta antes da recuperação, caindo gradualmente com um pouco mais força do que em um trimestre que o outro, dado a fatores às vezes um pouco sazonais do que normalmente a inadimplência sobe no primeiro trimestre e cai no segundo, como acontece todo ano fora alguns efeitos extraordinários de anos de crise, então é

normal o segundo trimestre tenha o movimento às vezes um pouco melhor que o primeiro mas a tendência natural desse indicador de provisão é cair ao longo do tempo até para a gente voltar ao custo de risco que a gente já teve no passado, ok?

Jörg Friederman - Perfeito, está super bem explicado. Obrigado, Bernardo.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do senhor Iuri Fernandes, do JP Morgan.

Iuri Fernandes - Obrigado, pessoal, pela oportunidade de fazer pergunta, parabéns pelo resultado. Eu queria perguntar sobre risco legal, mais especificamente sobre lei trabalhista, o E-social, o que a gente pode imaginar pra frente, se deve continuar rodando um pouquinho alto, qual que é a visão de vocês para esse nível de risco legal. E minha segunda pergunta é sobre crédito consignado que é uma parte grande da carteira de crédito de vocês e, parabéns, vocês cresceram bem em linha com o mercado, a gente tem olhado os outros *peers* crescido bem mais, né, você tem o Bradesco crescendo *mid double digit*, o Santander cresceu quase 40,0% ano a ano. Como vocês estão olhando a competição? O que o Banco do Brasil tem feito para tentar se diferenciar e segurar a participação pública de mercado nesse ritmo?

Bernardo Rothe - Obrigado, Iuri. Começando pelo consignado, a gente tem um portfólio bastante grande, uma participação de mercado expressiva, então crescer muito forte aqui significa que o mercado todo tem que crescer muito forte. Então, a gente está crescendo dentro do que é nossa intenção, atendendo os nossos clientes, não temos perdido cliente para concorrência, se olhar o resultado, o net do *lobby* vai e *lobby* vem na livre opção bancária de empréstimos consignados, a gente tem, vamos dizer assim, recebido mais empréstimos da concorrência do que perdido empréstimos pra concorrência. Então a gente está bem posicionado, tem uma estratégia bastante clara e estamos suportando os nossos clientes sem perda de negócios. A gente, de novo, o tamanho do portfólio de consignado que a gente tem, não é difícil crescer no mesmo nível de concorrente que estão entrando mais forte agora nesse segmento. O consignado, como sempre falei sempre teve competição,

mesmo durante o período da crise, era uma das pastas do nosso portfólio que sempre teve competição, mesmo assim a gente tem visto aí uma tendência de manutenção de spread sem perdas de negócios.

Sobre o risco legal, tem dois fatores diferentes, na verdade o trabalhista caiu bastante no primeiro semestre, as novas entradas de ações trabalhistas despencaram após a reforma trabalhista do ano passado, e a tendência é continuar num nível mais baixo. Mais baixo em relação ao ano passado, pode ter variações em relação de um trimestre para o outro ao longo dos próximos trimestres. Mas sem dúvida nenhuma a expectativa é um volume de provisões trabalhistas bastante inferior em relação ao que a gente fazia antes da reforma trabalhista. Agora teve também nesse período um aumento de outras demandas cíveis. É uma visão muito mais de estoque de novas entradas, as novas entradas também estão caindo, mas a gente tem algumas coisas de estoques antigos, ou de demandas antigas que estão aumentando e a gente tem feito mais provisão nesse período, pode até ser um efeito da queda da trabalhista gerando uma procura maior, por advogados no mercado, por novas formas de ganhar dinheiro, mas não dá para afirmar que é isso mas eu diria que, fazendo uma projeção pra frente, a gente tem visto as entradas caindo inclusive nas demais ações cíveis então a tendência é de melhora ao longo do tempo. A gente teve um impacto também de provisão, uma redução de metodologia que nos levou a fazer reforço de provisões em alguns casos, mas os volumes de novos já estão caindo, então a tendência de melhorias mais para frente, ok?

Iuri Fernandes - Bernardo, você falou na primeira pergunta, um tema em paralelo ali meio tangente, que desde de julho, quando o Banco Central deixou mais acessível a questão de portabilidade de salário, portabilidade de crédito, você sentiu um impacto maior nisso daí, o banco tem sofrido mais concorrência, *fintechs*, o pessoal tem migrado conta salário?

Bernardo Rothe - A livre opção bancária das contas, por enquanto está muito cedo ainda para falar de uma tendência, o prazo é muito curto, mas por enquanto o banco tem sido também beneficiado pelos recebimentos de novas contas, em um volume maior de contas do que as que estão saindo inclusive com, na nossa visão,

com uma qualidade melhor, ou seja, eu recebo contas de mais qualidade e estou perdendo as contas de menor qualidade, então o movimento até esse momento tem sido positivo mas, de novo, isso não dá para traçar nenhuma tendência porque é um processo muito recente, começou em julho e tem um mês e pouco só de histórico, então não dá para traçar nenhuma tendência em cima disso. Por enquanto, como eu disse, o movimento tem sido positivo para o banco, mas, de novo, é algo muito recente, não dá para afirmar se isso é uma tendência.

Iuri Fernandes - Maravilha, muito obrigado e parabéns de novo.

Bernardo Rothe - Obrigado, Iuri.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do Eduardo Nishio, do Banco do Brasil Plural.

Eduardo Nishio - Bom dia a todos, obrigado pela apresentação. Uma pergunta em relação à alíquota efetiva de imposto que subiu bastante nesse trimestre, se pudesse explicar um pouco da dinâmica do que aconteceu no trimestre, vis-à-vis o segundo tri, o primeiro tri, e também o *guidance* pro ano, o soft guidance pro ano que era de 30-35, com payout a 40, provavelmente o pagamento vai ser mais forte no segundo semestre e aí eu queria saber como é que fica a alíquota efetiva, se em 35 ou se vocês estão com uma previsão um pouco mais baixa para essa alíquota efetiva. Obrigado.

Bernardo Rothe - Obrigado, Nishio. Bem, o imposto se você olhar no trimestre ele ficou bastante semelhante ao que ficou no primeiro trimestre do ano passado, 32,4, então a gente teve um imposto muito baixo no primeiro trimestre e teve uma certa compensação agora no segundo, mas a média do semestre ficou dentro do nosso soft guidance de 30-35 considerando o payout utilizado até agora de 30,0%. Como eu disse a gente tem ainda uma visão que poderemos aumentar para 40,0% o payout do ano todo, aí olhando o soft guidance então reduziria de 25-30 para o ano, tá? Então é 25-30 para o ano com o payout de 40,0%. Tudo indica que a gente vai poder fazer o payout em 40,0% mas a gente só vai aguardar um pouco mais para ver uma eventual volatilidade do que pode acontecer agora no terceiro trimestre.

Eduardo Nishio - Perfeito, obrigado. Então, só para esclarecer um pouquinho, o segundo semestre então ficaria bem mais baixo que o primeiro para chegar nesses 25-30, né, caso esses 40,0% de payout fossem executados.

Bernardo Rothe - Exatamente, é isso.

Eduardo Nishio - Tá bom, obrigado.

Operadora - Lembrando que para fazer uma pergunta basta digitar *1.

Nossa próxima pergunta vem do senhor Alain Nicolau do Bradesco.

Alain Nicolau - Oi pessoal, bom dia. Obrigado pelo *call*. Eu tenho uma pergunta que até não sei se vocês já falaram, porque eu entrei atrasado no *call*, mas eu queria de forma ampla falar de, a qualidade da carteira melhorou bastante em todas as linhas, então queria numa pergunta só, entender como que isso caminha pra frente, como é que isso caminha, como é que isso conversa com 150 de cobertura de *NPL formation* que teve no tri, né, até no varejo, no PF tem mais de 100%, então só entender como é que essas duas coisas caminham aí pro resto do ano.

Bernardo Rothe - Obrigado Alain pela pergunta. Olha, o que a gente tem visto, se você olhar nosso material, a performance das novas safras de micro e pequena empresa de pessoa física estão muito boas. É natural que você traz uma safra nova com índice de inadimplência bastante baixo você tem uma necessidade de fazer provisões que reduz bastante. Então, de novo, a gente vê essa continuidade na melhoria da qualidade das novas carteiras, das novas safras de crédito que a gente está fazendo, diminuindo a necessidade de constituição de provisão. Então, esse processo deve continuar, o nosso *cost of risk*, o risco de crédito está em 3,6% agora, a tendência é caminhar para 3%, a gente pode até ter um *overshooting* baixando abaixo de 3%, mas a tendência no futuro é dele ficar um pouco acima de 3% dada a intenção nossa de mudar o mix da carteira, diminuindo a exposição a grandes empresas que em tempos normais tem um risco de crédito bastante baixo para ir migrando mais para micro e pequena empresa e pessoa física em geral que vão ter um risco de crédito maior do que a grande empresa. O agro no tempo tende a contribuir para baixar o risco de crédito geral do banco porque também é uma

carteira com risco de crédito bastante baixo em tempos normais, então a tendência natural é a gente continuar desfocando em crescer as carteiras com uma relação risco/retorno bastante apropriado, de alguma forma trazendo mais risco para a carteira a partir de agora, já a partir, desde o início do ano a gente tem essa estratégia de trazer mais risco pra carteira trabalhando mais com não correntistas e em linhas com bastante retorno bastante apropriado dado ao risco, e esse movimento no futuro tende a nos colocar com risco de crédito maior do que o nosso histórico antigo que estava abaixo de 3%, mas esse é o caminho no prazo de acontecer, mas de novo, a gente pode abaixar de 3% enquanto essa estratégia é adotada e o crescimento dessa linhas de maior retorno e maior risco acontecem e ganham participação na carteira total do banco.

Alain Nicolau - Perfeito Bernardo, e pensando um pouco em cobertura, então, mesmo em pessoa física, você tem mais de 100%, como é que dá para pensar pelo menos em nível de pessoa física imagino essa convergência para um 100,0%, enquanto que nas outras linhas talvez tenha um pouco mais de volatilidade. É por aí mesmo ou deveria ter mais volatilidade também em pessoa física?

Bernardo Rothe - Olha, a cobertura é como a gente sempre fala é uma resultante, não é algo que a gente diga “tem que fazer provisão para cobrir 100% do New NPL do trimestre”. Como é resultante e tem movimentos que acontecem até antes mesmo de você ter a inadimplência você já coloca clientes que você entende com maior risco com nível de provisionamento maior do que seria necessário para o 90 dias, as coisas não necessariamente acontecem no mesmo tempo. Então você pode ter movimentos de aumento de provisão, até constituição de provisões complementares que antecedem uma inadimplência e você gera uma cobertura maior. Aí quando a inadimplência vem naquele trimestre específico como você já tinha feito um movimento antes a cobertura da nova inadimplência fica menor. Então o movimento que eu posso te falar, a tendência dada a qualidade da carteira tem uma visão trimestral de cobertura de nova inadimplência a provisão é cair porque as carteira novas têm menor risco, e por terem menor risco necessitem de menos provisões, então a tendência é de trimestre a trimestre é a gente ter uma redução das despesas

com provisão, independente da formação da inadimplência do trimestre. Agora, cobertura do banco como um todo da pessoa jurídica ela tende a aumentar bastante agora no terceiro trimestre, dado que um grande caso específico foi resolvido em julho e inadimplência da pessoa jurídica vai ter uma queda substancial, porque já foi resolvida agora em julho. Então vai ter uma queda substancial, a cobertura geral da nossa carteira vai subir para níveis próximos ao nosso histórico de 190,0%, acima de 190,0%.

Alain Nicolau - Perfeito, Bernardo. Obrigado pela resposta.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do senhor Felipe Salomão, do Citibank

Felipe Salomão - Oi, Bernardo. Bom dia, tudo bem? Obrigado pela pergunta. Então, é uma pergunta específica sobre a carteira de pequenas e médias empresas. Ela caiu 6,0% tri contra tri e 30,0% ano contra ano. Quando é que vocês acham que o crescimento dessa carteira voltará a ter um histórico positivo? Faço essa pergunta não apenas no contexto do Banco do Brasil mas também no contexto da Cielo, a controladora do Banco do Brasil que reportou um resultado abaixo da expectativa no 2T. Ainda em cima desse tema eu também gostaria de saber se vocês esperam que uma potencial aceleração do crescimento da carteira de SME também acabe sendo positivo para a Cielo, uma vez que os clientes SME muitas vezes contratam um pacote de serviço e a adquirência é uma das coisas do pacote. Obrigado.

Bernardo Rothe - Ok, obrigado, Felipe. Bem, o seguinte, a carteira MPE tem sempre que olhar a nossa característica para MPE que é diferente dos pares. Primeiro que a gente divulga pra empresas com faturamentos de até R\$ 25,0 milhões. Então realmente a parte de menor faturamento não é tão comparável com os pares que divulgam faturamento de R\$ 200-250,0 milhões, R\$ 300,0 milhões, ou o que for o ponto de corte que eles usam, então são carteiras que tem características diferentes. A segunda coisa que é bastante importante é qual é o histórico da carteira de cada banco, a gente tinha uma posição bastante alta nesse segmento antes da crise. Existia ainda uma carteira ainda expressiva de investimento então esse é um tipo de portfólio que a gente não quer manter com esse mix, ou seja, a gente

pretende, e tem sempre falado isso, não crescer tanto em investimento nesse segmento, tem até desembolso mas num volume bastante menor do que os pagamentos que a gente tem recebido no segmento de investimento. Então, nosso foco hoje é crescer na MPE no capital de giro, a gente tem focado também em operações de menor duration, bastante desconto de recebíveis, recebíveis em geral, recebíveis de cartão de crédito, duplicatas e etc. Então, assim, é uma carteira que roda mais rápido, então apesar do crescimento de desembolso bastante expressivo de um trimestre pra outro de 16,0% a gente teve uma queda ainda de 6,0% no total da carteira. Então, como você junta essas duas informações? Eu tenho feito mais negócios mensalmente com os meus clientes mas com operações de mais curto prazo e esse volume de desembolso crescente ainda não é maior do que os repagamentos que eu tenho, principalmente na linha de investimento, e também o *clean up* que ainda acontece na carteira, né. A gente ainda tem um movimento de *clean up* acontecendo na carteira MPE como um todo, e problemas no passado que a gente teve. A expectativa nossa era que a estabilização na carteira de capital de giro acontecesse no segundo trimestre. Isso aconteceu em abril, dado o período de reembolsos em abril foram maiores que os reembolso de abril. Em maio, não dá para atribuir à greve dos caminhoneiros, mas pode ser um fator, já teve um movimento de reembolso maior que desembolso. Em junho deu uma recuperada, então a gente espera que a carteira de capital de giro ao longo desse segundo semestre estabilize. Eu vou te dizer que com certeza cresce no ano que vem. O investimento não deve estabilizar porque, de novo, não é a nossa estratégia crescer em linhas de investimento no segmento de micro e pequenas empresas.

Como que isso tudo conversa com a Cielo? olha, uma coisa que posso te dizer é o seguinte: cliente do Banco do Brasil no segmento PJ que tem um relacionamento forte com a gente, que é um grupamento de clientes bastante alto, eles tem aumentado negócios com o banco, então isso cria uma expectativa positiva também pro negócio da Cielo que quando eu falo em negócio com o banco eu falo de todos os negócios, inclusive a parte de aquisição, então é um movimento que a gente vai continuar incentivando em todos os clientes que a gente mantém um relacionamento bastante próximo.

Felipe Salomão - Legal, Bernardo. Obrigado pela resposta bem completa, ficou claro.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do senhor Luiz Fernando Azevedo do Banco Safra.

Luiz Fernando - Bom dia a todos. Na verdade, eu tenho duas perguntas: a primeira é com relação aos planos econômicos, eu acho que teve uma provisão aí de uns R\$ 500,0 milhões, se não estou enganado, nesse trimestre, e no primeiro tri já tinha sido um pouco mais pesado, e a minha visão é se em algum momento vocês já estavam provisionados, bem provisionados, e algum momento esse negócio vai sendo revertido. Queria ter uma ideia, um pouco, de como é que vocês estão enxergando esse acordo. E a segunda pergunta é com relação à resolução do caso específico que vocês citaram agora em julho, da empresa de Telecom, o que dá para imaginar? Vocês já falaram que dá para imaginar que o índice de cobertura vai subir, eu imagino que em algum momento a própria margem financeira vai começar a accruar juros na debênture que foi rolada, foi trocada, mas eu queria saber se o PDD vai ter algum tipo de reversão e eventualmente vai ter algum impairment de saída aí por conta desse título rodar abaixo de CDI. Obrigado. E eu queria entender um pouco mais das suas explicações com relação a esse caso. Obrigado.

Bernardo Rothe - Obrigado pela pergunta, Luiz. Bem, plano econômico: o que a gente está vendo hoje é um aumento de pagamentos, não são novas provisões, são os pagamentos que têm sido feitos de ações que já tinham tido ganho de causa na justiça. Então a gente não tem feito as reversões em cima desses pagamentos, a gente tem mantido as provisões aonde estão. Para frente, o que vai acontecer a gente tem que ver esse comportamento, a expectativa é que as adesões ainda estão num volume baixo, tem a ver também com a idade de quem pode aderir, então pode ser que o processo acelere aí nos próximos trimestres nas adesões ao acordo. Então é algo que é muito cedo ainda para fazer mais comentários ou dar alguma tendência para vocês. Sobre o caso específico, haveria uma reversão de provisão sobre o empréstimo existente e a nossa intenção é não reverter, a gente vai manter a provisão como está. A parcela que já existia de debêntures já tinha *marked to*

market, então também não tem nenhum impacto lá e a nova parcela que era crédito e virou debênture a gente vai fazer uma marcação a mercado.

Luiz Fernando - Nessa linha, então, ao marcar o mercado de saída pode ter algum tipo de efeito de margem financeira negativa ou não?

Bernardo Rothe - Olha só, a gente tende a ajustar isso tudo, anulado, não vai ter um grande impacto para gente nesse movimento. Você tinha perguntado o *accrual*. Realmente, a gente vai começar a *accruar* juros sobre essa exposição a partir de agora, já de agosto.

Luiz Fernando - Tá legal então. Então ao longo do tempo vai agregar margens financeiras de saída e não necessariamente traga impacto relevante?

Bernardo Rothe - Está dentro das nossas expectativas pro ano, então assim, o nosso guidance quando a gente olha o atingimento do guidance a gente já considera todos esses efeitos.

Luiz Fernando - Tá legal, perfeito. Muito obrigado.

Operadora - Nossa próxima pergunta vem do senhor Carlos Gomes, do HSBC de Nova Iorque.

Carlos Gomes - Bom dia e obrigado pela oportunidade. Duas perguntas, a primeira: poderia dar quais são as expectativas de crescimento de crédito nos próximos dois ou três anos, como foi feito ano passado? E a segunda é sobre o banco Patagônia na Argentina, nas circunstâncias atuais os senhores considerariam aumentar a presença na Argentina nesse momento ou ficar como estão?

Bernardo Rothe - Obrigado, Carlos, pela pergunta. Começando pela Patagônia, a gente foi exercido numa *put* então assim que o banco central argentino autorizar nós vamos aumentar a participação no Banco Patagônia, a gente vai ficar um pouco abaixo de 81,0%. Então esse movimento foi acordado quando da compra, quando foi constituída essa *put option* para os antigos controladores contra o banco, a gente foi vencido, como a gente comunicou, esse movimento para acontecer está apenas aguardando a autorização do regulador local. Então, e dado isso, a gente está

satisfeito com a operação que a gente tem na Argentina, é uma operação que dá um retorno ajustado ao risco bastante interessante para o banco, ou seja, um país que tem um risco alto, mas o retorno também bastante alto, ajustado pelos parâmetros que a gente usa para avaliar risco/retorno. Então, vamos dizer assim, é uma operação bastante boa, melhor retorno sobre capital do banco do país, tem uma operação bastante interessante, a gente tem desenvolvido desde que comprou, expandido a situação daquele banco para novos mercados que eles não atuavam antes da entrada do banco, transferindo um pouco de tecnologia que a gente tem aqui para implementação no negócio na Argentina, então é uma operação bastante atraente para a gente.

Sobre o crescimento de crédito, a perspectiva para esse ano é o *guidance* e para os próximos anos a gente tende a crescer bastante alinhado com o mercado. Então, um crescimento maior no crédito livre, menos no direcionado, no direcionado mais focado, quer dizer, menos relativamente, no direcionado o foco seria o financiamento em imobiliário e o agronegócio. Então no agronegócio a gente sempre cresce num nível bastante bom, o imobiliário a tendência é atender as demandas dos clientes, então nós devemos crescer alinhados com a demanda dos clientes, pode ser um pouco mais baixo do que o mercado como um todo, pode até ser um pouco mais alto, depende bastante do apetite do principal player no segmento de financiamento imobiliário. Os demais recursos livres, o nosso foco, a nossa expectativa é crescer ou alinhado com o mercado ou até um pouquinho acima. Eu não posso te dar números ainda porque a gente não tem *guidance* pra crescimento de crédito nos próximos anos, mas essa é nossa premissa, ok?

Carlos Gomes - O mercado quanto que vai crescer?

Bernardo Rothe - Ok, a nossa projeção para crédito livre é de crescimento em 19 de 7,3% e em 2020 7,9%.

Carlos Gomes - Muito obrigado.



Operadora - Encerramos nesse momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Daniel Maria para as considerações finais. Por favor, senhor Daniel Maria, queira prosseguir.

Daniel Maria - Bom, agradecemos a todos pela participação e pelas perguntas. Ficamos à disposição para qualquer esclarecimento adicional. Bom dia a todos.

Operadora - A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no portal de relações com investidores na internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.